

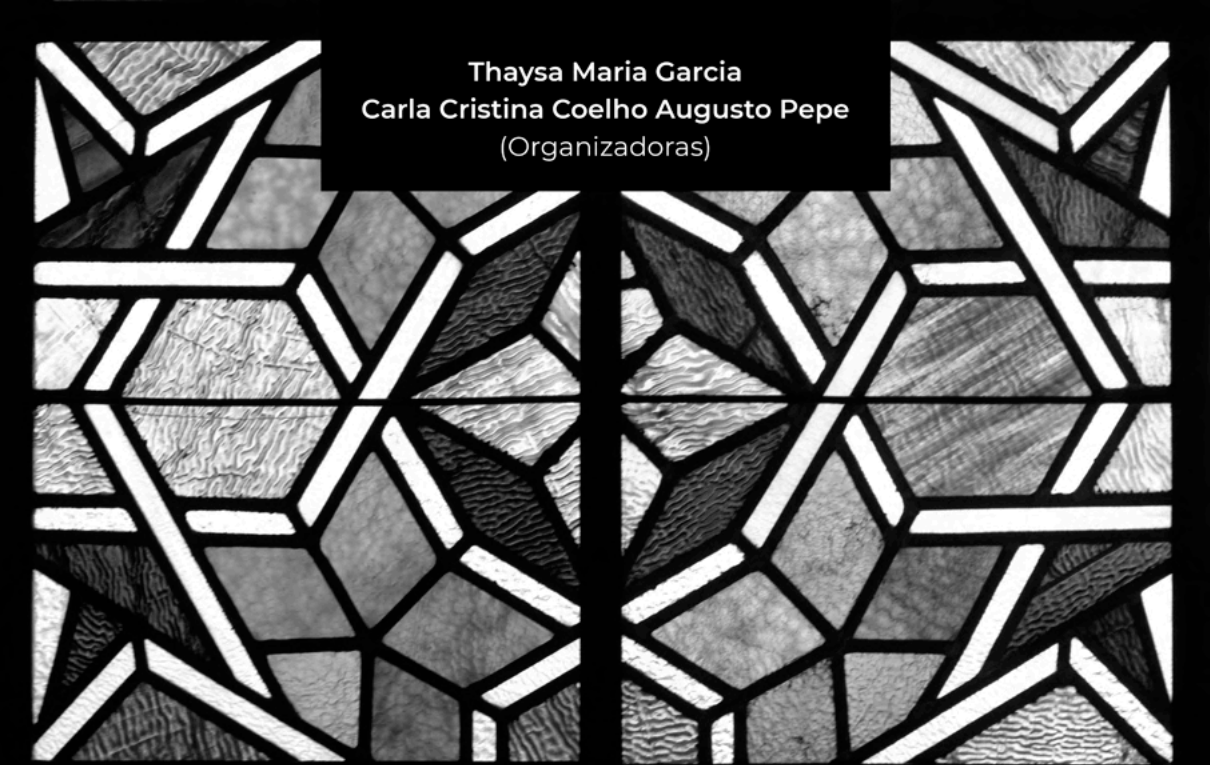
Thaysa Maria Garcia
Carla Cristina Coelho Augusto Pepe
(Organizadoras)

PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA FIOCRUZ:

Uma Experiência Inovadora em Saúde do Trabalhador

**Atena**
Editora
Ano 2022



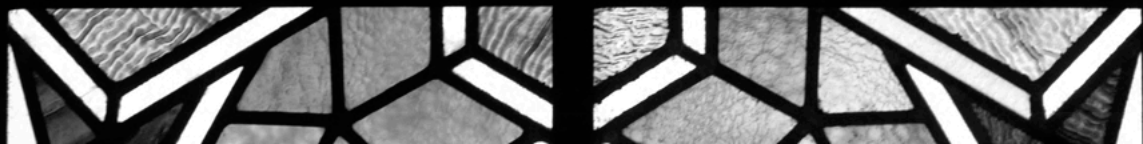


Thaysa Maria Garcia
Carla Cristina Coelho Augusto Pepe
(Organizadoras)

PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA FIOCRUZ:

Uma Experiência Inovadora em Saúde do Trabalhador

**Atena**
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagem da capa

Peter illiciev/CSS-Fiocruz/Fiocruz Imagens

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Biológicas e da Saúde**

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás



Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emídio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco



Programa de preparação para aposentadoria Fiocruz: uma experiência inovadora em saúde do trabalhador

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Supervisão editorial Fiocruz: Cláudia Lima Costa
Organizadoras: Thaysa Maria Garcia
Carla Cristina Coelho Augusto Pepe

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P964 Programa de preparação para aposentadoria Fiocruz: uma experiência inovadora em saúde do trabalhador / Organizadoras Thaysa Maria Garcia, Carla Cristina Coelho Augusto Pepe. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0332-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.326222706>

1. Trabalhadores - Cuidados médicos. 2. Saúde. 3. Aposentadoria. I. Garcia, Thaysa Maria (Organizadora). II. Pepe, Carla Cristina Coelho Augusto (Organizadora). III. Título.

CDD 616.9803

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado aos trabalhadores e às trabalhadoras da Fundação Oswaldo Cruz pelo seu legado, pela partilha de histórias e afetos e pela caminhada ao longo de todos esses anos no *Trilhando Novos Caminhos*.

EPÍGRAFE

*Eu já estou com o pé nessa estrada
Qualquer dia a gente se vê
Sei que nada será como antes amanhã
Sei que nada será como está, amanhã ou depois de amanhã
Resistindo na boca da noite um gosto de sol
(Nada será como antes, Milton Nascimento e Ronaldo Ribeiro)*

Essa canção tem sido ao longo dos anos tocada no encerramento de cada edição do *Trilhando Novos Caminhos*, configurando-se afetivamente como sua canção-tema.

PREFÁCIO

O Programa de Preparação da Aposentadoria da Fiocruz foi criado em 2010 como uma ação de saúde do trabalhador. Já no seu lançamento, quis marcar um significado pouco comum entre os tipos de programas de empresas: a aposentadoria é um direito e este está no campo da saúde. De que saúde falamos? Daquela que não é apenas individual, mas socialmente determinada.

Desde a década da 90, a aposentadoria vem sofrendo uma série de reformas no seu conjunto de legislações no nosso país, perdendo a sua garantia de dar uma condição digna a quem deixa o trabalho mais perto do final da vida. O próprio sentido do trabalho, que já era central na organização dos sujeitos na sociedade capitalista, vem se modificando na história, invadindo os lares e famílias mais recentemente com as transformações digitais e se impondo como não tendo mais um fim. Seja porque, de fato, a facilidade de hoje se trabalhar de qualquer lugar estimula a criatividade humana, seja também porque há uma dificuldade real de se aposentar pela complexidade de regras e redução dos ganhos ao final.

Aposentadoria já foi o “ócio no final da vida”; “o fazer tudo o que nunca fiz durante a vida”; “o momento de descanso e cuidado da saúde”; elementos tão comuns nos programas para a sua preparação. O PPA-Fiocruz apresenta um conjunto de ferramentas para lidar com os medos, com as dúvidas, com as inseguranças e estimula a construção de uma história singular no entrecruzamento dos contextos das políticas do nosso país, do jurídico, do cuidado da saúde, do financeiro, da família, dos amigos. Ele também incentiva a formação de redes, de encontros e acompanha os trabalhadores.

Esta publicação celebra os dez anos contando suas muitas histórias: já foi apenas para servidores e hoje se volta para os trabalhadores de todos os vínculos. Já foi inteiramente presencial, mas realizou uma edição durante a pandemia da Covid-19 digitalmente. Já foi mais voltado para as unidades do Rio de Janeiro, mas já executou edições regionais e na sua última contou com a participação de trabalhadores de toda a Fiocruz.

Vida longa ao PPA-Fiocruz e ao sentido que permaneceu em todas as suas edições: a aposentadoria é um direito do trabalhador!

Andréa da Luz¹

1 Coordenadora-geral de Gestão de Pessoas (Cogepe/Fiocruz)

APRESENTAÇÃO

Pensar a aposentadoria na contemporaneidade do século XXI é um grande desafio, que requer coragem e determinação. Ao mesmo tempo em que a expectativa de vida aumenta, as inseguranças e condições de subsistência parecem ir na contramão.

É nesse paradoxo que esse livro se apresenta como uma alternativa potente de pensar o processo de aposentadoria a partir das suas diversas dimensões e perspectivas, reconhecendo e convidando os trabalhadores e trabalhadoras a serem protagonistas das suas histórias, se propondo como diretriz para revisitar trajetórias e avaliar, de forma refletida e planejada, a nova jornada.

Trazer o tema da aposentadoria a partir do campo da saúde do trabalhador, além de necessário, é coerente com seus pressupostos, tendo em vista a perspectiva de cuidado, participação, promoção e vigilância em saúde no seu conceito mais ampliado, em consonância com os princípios do SUS, da dignidade e dos direitos humanos.

É uma celebração mais de 10 anos de história do Programa de Preparação para Aposentadoria, coordenado pela equipe do Núcleo de Atenção Integral à Aposentadoria da Coordenação de Saúde do Trabalhador da Fiocruz e conta com a generosa participação de pesquisadores e referências importantes sobre o tema, nas diversas *práxis*.

Esse livro concentra uma coletânea de saberes, experiências e estudos que tangenciam os vários aspectos que influenciam a tomada de decisão e acolhe as dúvidas, anseios e conflitos que atravessam o dilema da aposentadoria.

Sem desconsiderar o pragmatismo burocrático, os artigos apresentam a aposentadoria como um recomeço, exaltando a singularidade do *eu* e autonomia de *si*, *para si e por si*.; a partir das próprias histórias, anseios e necessidades, convocando a projetar o futuro, a partir do tempo presente.

Marisa Augusta de Oliveira¹

¹ Coordenadora de Saúde do Trabalhador (CST/Cogepe/Fiocruz)

INTRODUÇÃO

Desde sua concepção, o projeto do Programa de Preparação para Aposentadoria -Fiocruz *Trilhando Novos Caminhos* (PPA-Fiocruz) já se mostrava como uma iniciativa inovadora. Era distinto daquilo que se fazia em Saúde do Trabalhador (ST) em relação aos que estavam próximos da aposentadoria e, ao mesmo tempo, distante das políticas de gestão de pessoas. Pautava o trabalhador mais velho e a aposentadoria em ST para além do prisma da invalidez. Embora já houvesse no Brasil um histórico de PPA, abordar o tema em Saúde do Trabalhador numa perspectiva de promoção de saúde e prevenção de agravos em uma organização pública complexa era algo novo.

Ao longo dos anos, uma série de fatores parece ter contribuído para condições de êxito. O programa se fortaleceu em termos teóricos e técnicos, o que lhe conferiu reconhecimento interno e externo aos muros da Fiocruz. O primeiro fator possivelmente se refere à qualidade de seu corpo de profissionais, que, em um ambiente favorável à reflexão e à produção de conhecimento, pôde se debruçar sobre um problema e buscar estratégias para lidar com ele. Do mesmo modo, o apoio institucional em permitir dedicação exclusiva da equipe também contribuiu para que houvesse investimento de tempo, estudos e refinamento de técnicas e abordagens. A capacidade de sinergia da própria organização, que conta com profissionais de diferentes áreas de conhecimento e que contribuem com o programa como *parceiros*, também foi fator de relevância nesse cenário.

O êxito se confirmava internamente à medida que a necessidade de sensibilização para divulgar e esclarecer sobre o programa diminuía e o reconhecimento público dos trabalhadores aumentava. A adesão de todas as unidades da Fiocruz em todos os cargos e perfis profissionais também demonstrava que as ações Núcleo de Atenção Integral à Aposentadoria (Naia) se estabeleciam de modo firme, especialmente em uma organização marcada pelo conhecimento e elevados níveis de escolaridade de seus trabalhadores. Externamente, o Núcleo passou a receber constantemente profissionais de outras organizações que buscavam referências para construir suas próprias ações em preparação para aposentadoria. Além disso, a participação em congressos e eventos da área evidenciavam a singularidade do PPA-Fiocruz numa perspectiva de saúde dentro de uma abordagem complexa.

Consolidado como parte da política institucional de saúde dos trabalhadores da Fiocruz, sua missão é oferecer espaço de reflexão, planejamento e cuidado para com o processo de transição para a aposentadoria e atenção integral ao trabalhador mais velho, dentro da lógica de prevenção de agravos e de promoção da saúde. Por meio de uma abordagem crítico-reflexiva e de autonomia, atua em sinergia com diversos atores institucionais e externos no sentido de promover diversidade etária harmônica e condições de trabalho e aposentadoria saudáveis e dignas aos mais velhos.

O programa e demais ações do Naia foram se tornando cada vez mais substanciais, desde suas temáticas até seus recursos metodológicos. O acolhimento dos trabalhadores, a escuta de suas ricas histórias de vida e de envolvimento com a instituição permitiram o amadurecimento de sua missão, a compreensão de seu público-alvo – o trabalhador mais velho – e de seu lugar estratégico, em que coloca a Saúde do Trabalhador em interface com o envelhecimento, a aposentadoria, a gestão do conhecimento, a organização e centralidade do trabalho. Diante disso, fez-se necessária a dedicação constante em relação a teorias e técnicas, daí o movimento em sistematizar e compartilhar conhecimento alinhado à missão da própria de uma organização de produção de conhecimento.

Apartir disso, a cada ano era mais evidente a necessidade do registro da metodologia e relato das experiências. No bojo da celebração dos 10 anos do PPA-Fiocruz, a equipe desenvolveu o projeto de organizar um livro sobre o histórico e a metodologia do programa e temáticas afins, sob apoio e financiamento do Programa Fiocruz Saudável¹. Além do marco de celebrações de uma década de programa e de uma perspectiva de gestão do conhecimento, o livro **Programa de Preparação para Aposentadoria Fiocruz: Uma Experiência Inovadora em Saúde do Trabalhador** pretende sistematizar conhecimentos e reflexões acumuladas e ser uma ponte de diálogo com profissionais da área, pesquisadores e estudantes.

O livro, portanto, se propõe a realizar a descrição de um modelo de prática inovadora em Saúde do Trabalhador, a descrição do PPA-Fiocruz em seus aspectos históricos, teóricos e metodológicos. De tal modo, se inicia com o resgate histórico das condições que permitiram a construção do projeto do programa por parte da equipe fundadora, Nadja Moraes e Conceição Robaina. Na sequência, o programa em si é descrito pela psicóloga que atua na equipe em termos teóricos e metodológicos atualizados, haja vista o processo de aprimoramento contínuo e alinhamento à escuta do trabalhador e do contexto. Na sequência, um artigo é dedicado ao acompanhamento pós-PPA, remodelado recentemente e descrito pela equipe.

Nesse ponto vale destacar que, ao longo dos anos, a prática do Núcleo se estabelece na lógica do aprimoramento contínuo, no refinamento de técnicas e em abordagens que se alinham de forma mais adequada às condições dos trabalhadores e ao contexto em que se inserem. Seguindo a base da ST, que é a escuta do próprio trabalhador, o programa permanece se desenvolvendo, apresentando-se distinto em muitos aspectos da concepção original. Contudo, guarda em sua essência os valores norteadores da ST e da abordagem crítico-reflexiva e de autonomia. No ano de 2022, por exemplo, se consolida mais uma etapa do método, uma vez que a pandemia de Covid-19 conduziu à adaptação das práticas para um modelo *on-line*. No bojo da adversidade e da trágica crise sanitária, o Núcleo agregou à metodologia novas abordagens de atenção integral aos trabalhadores participantes do

¹ Programa com ações integradas de saúde do trabalhador, biossegurança e gestão ambiental com o objetivo de produzir saúde e sustentabilidade ambiental na Fiocruz.

PPA-Fiocruz, que serão devidamente descritas em momento oportuno.

É relevante para o leitor compreender que se procurou trazer artigos em uma linguagem acadêmica sobre as temáticas trabalhadas no programa e que são objeto de atenção do corpo técnico. Ao longo do PPA, embora tratados por pesquisadores e especialistas, os temas são trabalhados em uma linguagem mais acessível a um público que não necessariamente domina determinada área de conhecimento, embora tenha altos níveis de escolaridade formal. No programa, por exemplo, são abordados de forma dinâmica, dialógica e crítica, de modo que o grupo tenha informação de qualidade com especialistas ao mesmo tempo que seja capaz de compreender suas condições de vida e recursos, assim como estabelecer planos e projeção de futuro.

A troca de experiências é constante, o que amplia possibilidades de aprendizagem, reflexão, planejamento e apoio social e emocional. Entendemos que a vivência dos ciclos finais de trabalho e a preparação para aposentadoria envolvem diversas dimensões de saúde que não se limitam às biológicas, mas também se referem à qualidade das relações interpessoais, rede de apoio e cuidado, e inúmeros recursos capazes de produzir saúde e bem-estar. Procurou-se traduzir em uma linguagem mais técnica e acadêmica aquilo que fundamenta e compõe o fazer do PPA-Fiocruz.

Cabe destacar o papel da equipe no desenvolvimento do programa e também no livro. Além de conhecer profundamente o grupo de trabalhadores de cada edição do programa, planejar as ações e liderar as atividades com convidados externos, a equipe conduz atividades de sua *expertise* e dinâmicas, participa ativamente das discussões e do manejo do próprio grupo e oferece suporte individual aos trabalhadores. Assim, além da concepção do livro, os integrantes da equipe assinam alguns dos artigos nas respectivas áreas de atuação.

Aos artigos concebidos pelo corpo técnico, que versam diretamente sobre o programa, foram agregados os de outros especialistas e pesquisadores das diversas áreas sobre temáticas afins, que têm interface com Saúde do Trabalhador, aposentadoria e envelhecimento. A publicação traz artigos produzidos por convidados e parceiros históricos do PPA-Fiocruz, que ao longo dos anos vêm contribuindo de forma consistente, por meio de atividades as mais diversas, com informação, estímulo à reflexão, à crítica e à autonomia dos participantes, bem como para um ambiente de conhecimento, partilha e afeto, tão característico do programa.

O fortalecimento de uma equipe de Saúde do Trabalhador que desenvolve ações de promoção de saúde, cujos integrantes são da mesma organização e estão sujeitos à mesma cultura e atravessamentos que seu público-alvo, agrega à experiência do PPA uma abordagem mais próxima, que facilita a participação do trabalhador. Deste modo, na sequência, ainda no Eixo 1 do livro, trata-se do tema interdisciplinaridade, característica do Núcleo e um dos fatores de êxito no desenvolvimento de suas ações, uma vez que sua equipe é composta de forma diversa com relações horizontais de partilha e contribuição.

O artigo é assinado por Nelson Neto, assistente social que já fez parte da equipe, e por Jefferson Lee.

Finalizando o primeiro eixo, é descrita a experiência do *Diário de Trajetória*, um projeto de destaque no programa desenvolvido por profissionais da Assessoria de Comunicação da Coordenação de Gestão de Pessoas da Fiocruz, Eduardo Muller e Glauber Tiburtino. O *Diário* é construído pelos trabalhadores e pela equipe de Comunicação e compõe um dos momentos mais afetivos do programa na etapa de encerramento. Agrega em si a memória dos trabalhadores, ao passo que remonta à história institucional e serve como uma homenagem aos que dedicaram parte de suas vidas ao trabalho.

O livro segue com o segundo eixo temático *Aspectos pragmáticos da aposentadoria*, com artigos que discorrem sobre a aposentadoria, PPA e educação financeira, assinados pelas pesquisadoras de Psicologia Social e do Trabalho, Sílvia Amorim e Fabrícia Prado. Cabe destacar que, embora o programa se fundamente em referenciais de Saúde do Trabalhador, achamos relevante compreender como esse tipo de ação foi inicialmente concebida e registrada na literatura sobre preparação para aposentadoria, especialmente para nos situarmos teórica e tecnicamente e estabelecer diálogo com profissionais e pesquisadores tanto da ST quanto das demais áreas.

No terceiro eixo são discutidos temas que envolvem envelhecimento e promoção da saúde em seu sentido amplo e complexo, tal qual propõe a Organização Mundial da Saúde (OMS). Assim, o envelhecimento é tratado em seus diversos aspectos: biológico, subjetivo, social etc. O eixo se inicia com o artigo *Envelhecer nos tempos de hoje* do parceiro de longa data do PPA-Fiocruz, o psicólogo pesquisador Carlos Bizarro da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP-Fiocruz). O assunto é abordado em palestras e rodas de conversa com filmes e partilhas e tem sido ao longo dos anos momento de reflexão profunda.

O tema do segundo artigo do eixo, *Relacionamentos afetivos e sexualidade* era constantemente abordado pelos participantes em discussões sobre família, planos de vida, saúde etc. Compreendemos que as relações afetivas e sexuais compõem as condições de saúde e bem-estar e que, apesar de estamos em um movimento de ressignificar a velhice no imaginário social, o tema ainda é negligenciado e visto como tabu nos espaços de saúde desse público. O que inicialmente era tratado de forma indireta ao abordar envelhecimento e família, por exemplo, passou a compor os módulos educativos do programa. A partir desse entendimento, convidamos o pesquisador Thiago Almeida, para assinar o artigo *Idadismo Afetivo-Sexual* e para conduzir discussão junto ao grupo de trabalhadores, tema que deve estar no programa de forma contínua.

Em seu aspecto biológico e de recursos físicos, o PPA-Fiocruz traz o saber médico ao acesso de seus participantes em palestras e diálogo, tanto na perspectiva da prevenção do adoecimento e da deterioração das condições de saúde física quanto da perspectiva do cuidado daqueles que envelhecem à nossa volta, como pais e sogros. A médica geriatra e

pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP-Fiocruz), Valéria Lino, assina o artigo que versa sobre o envelhecimento do corpo. Como desdobramento da dimensão física do envelhecer, seguem ações sobre nutrição e atividade física como formas de promover saúde e prevenir agravos com especialistas que atuam em ST na própria Fiocruz. Assim, seguindo o objetivo do livro, convidamos o educador físico Bruno Macedo e as nutricionistas Débora Oliveira e Wanessa Natividade para assinar o artigo sobre o tema.

Entende-se que também fazem parte das acepções de saúde do indivíduo suas redes de relações, sejam elas de família, trabalho, amizades etc. Nesse sentido, trazer discussões e dinâmicas sobre o assunto, que tem impacto significativo no envelhecer e na aposentadoria, se mostra como recurso valioso para a construção de planos saudáveis e harmônicos que envolvam autonomia sem desconsiderar a rede de apoio. Ainda dentro do eixo promoção da saúde e envelhecimento, a assistente social cofundadora do programa e parceira Conceição Robaina trata dos temas família e rede social no artigo *De volta ao começo: preparação para aposentadoria e família*.

No quarto eixo, são abordados temas caros ao PPA-Fiocruz, os que envolvem Saúde do Trabalhador e o envelhecer no trabalho. Afinal, por que abordar ST quando o trabalho parece não ser um elemento tão central na vida dos sujeitos? O tema Saúde do Trabalhador no PPA-Fiocruz é conduzido pela autora do artigo, Carla Pepe, sendo parte da expertise da equipe. Cabe ressaltar que, embora o tema seja tratado no grupo do PPA-Fiocruz com dinâmicas, palestras e discussões e esteja presente na concepção do próprio programa, o trabalhador mais velho e a aposentadoria ainda não se configuram plenamente como objetos da ST. Isso faz com que esse artigo em específico ocupe lugar de destaque numa discussão relevante e necessária ao campo.

Os temas *sentidos do trabalho* e *saúde mental* são conduzidos por Renata Mendes, psicóloga ergonomista da Coordenação de Saúde do Trabalhador da Fiocruz que já fez parte da equipe no Naia e que historicamente desenvolve atividades sobre os temas com os grupos de participantes. Ao longo dos anos, temas específicos que envolvem sofrimento no trabalho constantemente apareciam nas falas dos trabalhadores, nas entrevistas e nos módulos educativos. Diante da experiência com esses grupos, compreendeu-se que situações de sofrimento pareciam favorecer aposentadorias sem desejo e, conseqüentemente, com mais chances de adoecimento e insatisfação. Nos últimos anos, a pesquisadora Terezinha Martins da Unirio tem sido convidada para conduzir palestras e rodas de conversa que permitam nomear situações de sofrimento, compartilhar experiências, construir estratégias de enfrentamento coletivas e individuais e apoiar o entendimento de que aposentar como fuga do sofrimento que porventura assole o trabalhador pode colocá-lo em situação de ainda mais sofrimento. Assim, a partir da escuta dos trabalhadores, entendemos que essa é uma questão fundamental a ser tratada no programa e que também contribuimos para a construção de ambientes de trabalho mais saudáveis, especialmente quando a equipe se

coloca à disposição para pensar alternativas de mitigação do sofrimento com o trabalhador.

Ainda no eixo 4, há um artigo produzido por uma das profissionais da equipe, a psicóloga Thaysa Maria Garcia. No PPA-Fiocruz, no último módulo educativo, realiza-se uma “costura” dos temas trabalhados por meio de reflexões sobre a história de vida de cada um. Trata-se de um momento de fechamento dos conteúdos e preparação para os dias de encerramento da edição, configurando-se em uma imensa colcha tecida ao longo de toda edição e dos espaços de reflexão. A partir disso, procurou-se conceber um relato de experiência em função da particular atuação dessa profissional no PPA-Fiocruz ao longo dos anos e do acúmulo de vivências em sua prática profissional com trabalhadores mais velhos e em transição para aposentadoria. Assim, os temas que permeiam o programa são nessa ação específica alinhados numa perspectiva psicológica, que envolve as questões próprias da maturidade, sendo o artigo esse relato.

Entendendo que estabelecer estratégias de planejamento de vida e prospecção de futuro são de suma importância para a preparação para aposentadoria, aqui entendida como processo que vai desde os anos finais trabalho até sua plenitude, concebeu-se para o PPA-Fiocruz uma forma de lidar com o planejamento de modo transversal e abrangente, em que se pudesse utilizar as ferramentas de planejamento para qualquer área da vida. No programa, cada tema envolve o planejamento em alguma medida e há exercícios e atividades com especialista de uma a três vezes ao longo dos meses. O último artigo do eixo, *Projetos de vida, planejamento e aposentadoria*, concebido pela psicóloga Valéria Silva, uma parceira do PPA-Fiocruz desde sua fundação, discute o planejar e replanejar a vida.

Por fim, no eixo *política pública, trabalho e envelhecimento*, abordam-se temas que vem sendo objeto de atenção da equipe na construção de ações no programa e para além dele. Ao produzir o PPA-Fiocruz, seu corpo técnico, por princípios fundamentais, privilegia a escuta do trabalhador para desenvolver suas ações. Porém, não desconsidera o olhar atento ao contexto socioeconômico e político que permeia a vida desses trabalhadores e da própria organização. Do mesmo modo, como ideal, busca transformar suas ações em conhecimento individual e institucional relevante aos trabalhadores. Assim, temas como as novas formas de trabalho permeadas pela tecnologia e precarização, tanto do serviço público quanto do privado, reformas previdenciárias e reconfiguração do papel dos mais velhos no universo do trabalho e sua consequente ressignificação no imaginário social são alvo de reflexões, discussões e proposições.

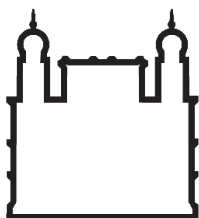
O primeiro artigo desse eixo versa sobre um tema que tem sido pautado na organização também em função do PPA-Fiocruz, o ageísmo ou etarismo. Historicamente estudado pela pesquisadora Lucia França no Brasil, o ageísmo tem sido discutido entre os trabalhadores e institucionalmente, para que sejam construídas políticas que o mitiguem e favoreçam a diversidade etária saudável. Do mesmo modo, diante da experiência da equipe, entende-se como relevante pautar de forma crítica e consistente o debate sobre

o envelhecimento e a seguridade social – tema tratado por meio do artigo concebido pela pesquisadora do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Maria Tereza Pasinato.

Com uma cultura institucional forte e arraigada no ideal de saúde pública na figura majestosa de um castelo e de seu patrono Oswaldo Cruz, a Fiocruz se torna ambiente fecundo para tratar do tema, tanto na perspectiva do trabalhador quanto da organização, e de suas políticas de continuidade do seu legado. Durante o PPA-Fiocruz, percebemos como a relação profunda com a organização, tão peculiar e culturalmente rica, podia se tornar um problema na transição para a aposentadoria devido ao envolvimento e identificação com o trabalho e organização. Percebeu-se a relevância de se debruçar sobre a identidade relacionada ao trabalho e sobre se perceber como parte do legado da Fiocruz. No programa, o tema memória institucional e a retenção do conhecimento são tratados por uma das parceiras do PPA-Fiocruz, a jornalista Érica Loureiro, da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, que assina o último artigo do livro em que versa sobre os temas.

Diante do resgate e sistematização de conhecimento relativo ao programa, bem como da contribuição de profissionais parceiros que atuam em sinergia com o Núcleo, esperamos poder partilhar nossa experiência, produzir e registrar conhecimento relevante para a Fiocruz e para além dela, contribuindo com as diversas áreas que lidam com saúde, trabalho e aposentadoria, especialmente a Saúde do Trabalhador.

Thaysa Maria Garcia
Carla Cristina Coelho Augusto Pepe
(Organizadoras)



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



cogepe

gestão de pessoas



FIOCRUZ SAUDAVEL

SUMÁRIO

PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA FIOCRUZ:

UMA EXPERIÊNCIA INOVADORA EM SAÚDE DO TRABALHADOR


EIXO 1: PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA DA FIOCRUZ: TRILHANDO NOVOS CAMINHOS

CAPÍTULO 1..... 2

TRILHANDO NOVOS CAMINHOS – AS QUESTÕES EMBRIONÁRIAS

Conceição Maria Vaz Robaina


Nadja Maria Lacerda de Moraes Freire

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227061>

CAPÍTULO 2..... 8

TRILHANDO NOVOS CAMINHOS: UMA EXPERIÊNCIA DE PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA INVADORA EM SAÚDE DO TRABALHADOR

Thaysa Maria Garcia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227062>

CAPÍTULO 3..... 30

E DEPOIS DO PPA?

Thaysa Maria Garcia

Carla Cristina Coelho Augusto Pepe

Joyce Domingues da Silva Oliveira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227063>

CAPÍTULO 4..... 37

AÇÕES INTERPROFISSIONAIS E A PREPARAÇÃO PARA A APOSENTADORIA

Nelson Felix Lima Neto

Jefferson Lee de Souza Ruiz


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227064>

CAPÍTULO 5..... 45

AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS TRABALHADORES EM TRANSIÇÃO PARA APOSENTADORIA DA FIOCRUZ: UMA DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA DIÁRIO DE TRAJETÓRIA

Eduardo Emílio Maurell Müller Neto

Glauber Queiroz Tabosa Tiburtino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227065>


EIXO 2: ASPECTOS PRAGMÁTICOS DA APOSENTADORIA

CAPÍTULO 6..... 55

APOSENTADORIA E PROGRAMAS DE PREPARAÇÃO PARA A APOSENTADORIA:

CONCEITUAÇÕES, HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO


Silvia Miranda Amorim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227066>

CAPÍTULO 7..... 63

EDUCAÇÃO FINANCEIRA, PLANEJAMENTO E APOSENTADORIA

Fabrcia Prado Simões

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227067>

EIXO 3: PROMOÇÃO DA SAÚDE E ENVELHECIMENTO

CAPÍTULO 8..... 72

ENVELHECER NOS TEMPOS DE HOJE: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Carlos Alberto Bizarro Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227068>

CAPÍTULO 9..... 85

IDADISMO AFETIVOSSEXUAL NA VELHICE

Thiago de Almeida


Deusivania Vieira da Silva Falcão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227069>

CAPÍTULO 10..... 96

DE VOLTA AO COMEÇO? PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA E FAMÍLIA

Conceição Maria Vaz Robaina

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270610>

CAPÍTULO 11 108

O ENVELHECIMENTO E O CORPO

Valéria T. S. Lino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270611>


CAPÍTULO 12..... 118

NUTRIÇÃO E ATIVIDADE FÍSICA NO ENVELHECIMENTO

Bruno Macedo da Costa

Débora Kelly Oliveira das Neves

Wanessa Natividade Marinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270612>








EIXO 4: SAÚDE DO TRABALHADOR E OS CICLOS FINAIS DE TRABALHO

CAPÍTULO 13..... 132

SENTIDO DO TRABALHO: MATIZES DO PROCESSO DE APOSENTADORIA

Renata Mendes da Silva Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270613>

CAPÍTULO 14	141
SAÚDE DO TRABALHADOR E ENVELHECIMENTO	
Carla Cristina Coelho Augusto Pepe	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270614	
CAPÍTULO 15	151
CONSIDERAÇÕES SOBRE SAÚDE MENTAL E APOSENTADORIA	
Renata Mendes da Silva Pinheiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270615	
CAPÍTULO 16	159
EQUANDO HÁ ALGO ERRADO NO TRABALHO? ASSÉDIO LABORAL E APOSENTADORIA	
Terezinha Martins dos Santos Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270616	
CAPÍTULO 17	168
O TRABALHADOR MAIS VELHO E AS NUANCES DA MATURIDADE	
Thaysa Maria Garcia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270617	
CAPÍTULO 18	178
PROJETOS DE VIDA, PLANEJAMENTO E APOSENTADORIA	
Valeria Dos Santos Pinto da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270618	
EIXO 5: POLÍTICAS INSTITUCIONAIS E PÚBLICAS E O TRABALHADOR MAIS VELHO	
CAPÍTULO 19	184
O AGEÍSMO NAS ORGANIZAÇÕES: A REPRESENTAÇÃO NEGATIVA DO TRABALHADOR MAIS VELHO	
Lucia Helena de Freitas Pinho França	
Thaysa Maria Garcia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270619	
CAPÍTULO 20	203
ENVELHECIMENTO E SISTEMAS DE SEGURIDADE SOCIAL	
Maria Tereza de M. Pasinato	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270620	
CAPÍTULO 21	208
MEMÓRIA INSTITUCIONAL E RETENÇÃO DO CONHECIMENTO: REFLEXÕES SOBRE PERMANÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO COM TRABALHADORES EM TRANSIÇÃO PARA A APOSENTADORIA DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ	
Érica de Castro Loureiro	

AGRADECIMENTOS	215
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	217

Eixo 3: Promoção da Saúde e Envelhecimento

CAPÍTULO 8

ENVELHECER NOS TEMPOS DE HOJE: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Carlos Alberto Bizarro Rodrigues¹

RESUMO: Propõe-se refletir sobre o envelhecimento contemporâneo, a partir da articulação entre as noções de subjetividade e de velhice, no âmbito de uma ética da juventude. Para tal, busca-se apresentar o envelhecimento como fenômeno multideterminado e heterogêneo que ocorre sob influência dos contextos biopolítico e capitalista responsáveis por restringir a vida e normalizar a velhice. A partir daí, busca-se pensar sobre o tempo vivido e o modo de gestão da vida atual baseado em uma ética nos quais se confundem as noções de juvenildade e jovialidade. Ao final, é sugerido o alinhamento do aspecto jovial da existência humana, com a concepção de tempo próprio aos modos do *amor fati* e como condição de possibilidade para a criação de velhices possíveis, isto é, como forma de resistência à ética da juventude.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento; Idoso; Qualidade de vida.

INTRODUÇÃO

Vivemos atualmente a “era do envelhecimento”, um período assinalado por um importante incremento na expectativa de vida e na longevidade da população mundial que, segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), acumulará o montante de 1,2 bilhão de longevos em 2.025, dos quais dois terços viverão em países em desenvolvimento como o Brasil. Essa transição demográfica é acompanhada por significativas transformações econômicas, sociais, políticas, científicas e culturais que ocorrem em um cenário de instabilidade e de mudanças nos valores e no conhecimento. Tal cenário é a marca contemporânea de uma cultura tecnológica e de consumo que reforça a contínua obsolescência dos objetos e das relações e revela, ao final, um contexto de grandes desafios, sobretudo para aqueles que envelhecem (ABOIM, 2014; VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014; MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

Inevitavelmente, a tendência global ao aumento da população idosa traz à baila a questão do envelhecimento, um termo oriundo das ciências biológicas originalmente relacionado às modificações corporais orgânicas associadas à passagem do tempo, mas que, com o advento da

¹ Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPgbios – FIOCRUZ, Uerj, UFF, UFRJ). Tecnologista em Saúde Pública lotado no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF/ENSP/FIOCRUZ).ORCID: 0000-0002-4163-0661.

gerontologia no início do século XX, passou a se remeter mais apropriadamente a um processo multideterminado responsável por suscitar o aparecimento de representações sociais² referentes, *verbi gratia*, ao modo como as pessoas mais velhas são vistas e como imaginam sua existência (FREITAS *et al.*, 2002; ABRAHÃO, 2008).

Neste sentido, é razoável inferir que o envelhecimento desencadeia tanto mudanças no corpo orgânico como alterações que não se restringem às modificações de aparência, de funcionalidade e dos marcadores fisiológicos uma vez que abrangem transformações subjetivas. Em outros termos, o corpo envelhecido do sujeito se torna o palco preferencial de sua frustração narcísica, o que significa dizer que o sujeito que envelhece é pressionado a encarar a mortalidade a partir de seu próprio corpo, ao mesmo tempo em que deve ser capaz de manter a aposta na vida. Para os especialistas, este é o principal trabalho psíquico para quem envelhece e que é denominado por “envelhescência” (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008; VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014, 2016).

Em acréscimo, é importante ter em mente que o grande desafio representado pela envelhescência tem como fundo dramático uma cultura contemporânea que, além de veloz e “mutante”, é caracterizada pela estetização da vida e pela supervalorização da dimensão hedonista da existência. Sendo assim, características como a imagem, a beleza e a performance e valores como a felicidade, o prazer e o sucesso se tornaram itens de desejo. Por outro lado, a velhice foi progressivamente associada a fenômenos puramente corporais e biológicos, principalmente àqueles “negativos” relacionados às experiências de perda, de limitações e de deterioração, o que reforça a insegurança e o mal-estar do sujeito que envelhece na atualidade (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

Já em uma perspectiva biopolítica, esse mesmo sujeito existe em uma sociedade que fabrica indivíduos aos modos de um “corpo-produto” consumidor dos valores de uma cultura narcisista. Nessa sociedade de consumidores, a quase onipresente regulação social pautada nos discursos inscritos em uma “ética da juventude” também restringe a experiência de vida na medida em que força o sujeito a entender a velhice a partir de uma perspectiva que compreende o envelhecimento como fracasso, indisciplina ou desmazelo (ABOIM, 2014; VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014; VILHENA; NOVAES; ROSA, 2016; SANTOS; LAGO, 2016; BERGER, 2019).

Com efeito, esse é o sentido do *idadismo*, isto é, o conjunto das diversas formas de discriminação dos idosos capaz de produzir um corte no *continuum* do corpo social e exercer um efeito despontencializador sobre um indivíduo ou grupo que é julgado socialmente inferior apenas por sua idade cronológica, o que implica na sua desvalorização. Em termos práticos, o idadismo relega as necessidades e interesses dos grupos mais velhos ao segundo plano ou mesmo à invisibilidade nas agendas sociais e políticas *pari passu* ao

2 O termo “representação social” alude ao conjunto de conceitos, explicações e afirmações produzido nas relações interpessoais travadas no espaço da vida quotidiana que age como um sistema de crenças no qual o senso comum se fundamenta (ABRAHÃO, 2008).

enaltecimento dos aspectos negativos e depreciativos do processo de envelhecer que é tratado como uma anomalia e não como um fenômeno intrínseco à vida (ABOIM, 2014; MOREIRA; NOGUEIRA, 2008; SOUSA *et al.*, 2014).

Por fim, e para encerrar essa breve introdução, vale reafirmar o caráter multideterminado do envelhecimento; isto é, tido como um fenômeno complexo atravessado pelos contextos biológico, social, econômico, cultural e histórico, o que o torna um processo heterogêneo e singular. Logo se pode também inferir por aproximação que a velhice, enquanto multideterminada, imprime em cada sujeito uma maneira única e toda própria de envelhecer e de ser velho (BERGER, 2019; CORREA, 2016; JUSTO, 2011; MOREIRA; NOGUEIRA, 2008; ROZENDO; SANTOS; LAGO, 2016). Surge então a questão do que é ser velho e também o desafio de lançar alguma luz sobre ela.

O QUE É SER VELHO? NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE

Para falar da experiência de ser velho, é importante partir do que se entende por subjetividade. Para nossos propósitos, a subjetividade é um modo de construção de si que pressupõe um movimento dinâmico do indivíduo, ao longo de sua existência, em articulação com as instituições que organizam sua vida e a vida coletiva. Dentre essas instituições, destacam-se a ciência e a medicina que vêm causando um grande impacto na subjetividade dos indivíduos, em virtude de sua profunda interferência na vida moderna e contemporânea (TÓTORA, 2008).

Com efeito, foi a partir da influência dos saberes científico e biomédico no século XIX que ocorreu um afastamento do indivíduo dos domínios do envelhecimento e da morte à medida em que a ciência e a medicina avançavam no seu papel de regulação da vida. Nessa dinâmica, a morte pareceu “estar sendo morta, enterrada junto com a velhice, o sujeito e suas subjetivações”. (CORREA; HASHIMOTO, 2012, p. 92-93). Assim, em nome da saúde da população e da qualidade de vida, sem dúvida valores legítimos construídos pelos saberes e pelo desenvolvimento tecnológico, as instituições modernas foram paulatinamente sendo engendradas por uma lógica higienista responsável por limpar dos espaços da vida as ameaças à funcionalidade do corpo social, tais como as fontes de contaminação e de enfermidades, bem como aquilo que pudesse estar associado à ideia de decadência e de morte (TÓTORA, 2008; CORREA; HASHIMOTO, 2012).

Nesse contexto, a vida, enquanto experiência subjetiva, foi se tornando cada vez mais reduzida a sua materialidade orgânica e à imagem e performance, ao passo que a história e a biografia do sujeito foram perdendo sua mundanidade, ocupando um lugar em sistemas abstratos dominados por especialistas e racionalidades técnicas. Desde então, o poder de penetração do discurso biopolítico vem incitando a identificação do sujeito com o “corpo-produto” dos dispositivos biotecnocientíficos e mercadológicos, de modo que

aspectos da finitude foram sendo afastados do campo de visão do sujeito o que, ao fim e ao cabo, contribuiu para transformar o envelhecimento e a morte em fenômenos artificiais (TÓTORA, 2008; CORREA; HASHIMOTO, 2012).

Efetivamente, a época atual tem como uma de suas características marcantes a articulação de uma cultura que desvaloriza a velhice com técnicas de controle e intervenção no corpo dos velhos. Essa combinação é observada na diversidade de discursos, tecnologias e especialidades voltadas para a ingerência da vida dos idosos com o objetivo de padronizar suas práticas, a partir de saberes construídos sobre uma concepção hegemônica do que é ser velho e do que é ter saúde. Ademais, é curioso perceber que os mesmos ideais de “vida saudável” são buscados pela maioria dos indivíduos nos dias de hoje, independentemente de sua faixa etária, enquanto especialistas, como os profissionais de saúde, tendem a estabelecer para cada um de nós a responsabilidade pelo próprio envelhecimento, sofrimento e doença (TÓTORA, 2008; SANTOS; LAGO, 2016).

Quanto à gestão do corpo social, é importante ter em mente que a prática de divisão dos grupos humanos não é natural e intrínseca, mas sim um antigo dispositivo social cuja intenção é organizar e otimizar as condutas sociais. Entretanto, essa estratégia afeta também a subjetivação na medida em que demarca os contornos psicossociais para a produção dos sujeitos. Por esse ponto de vista, é possível compreender que a idade cronológica e a velhice se transformaram em dispositivos biopolíticos capazes de agenciar um conjunto de técnicas de cuidado de si e de governo de si moldados por ficções incumbidas de regular os modos de envelhecer, considerados socialmente legítimos (ROZENDO; JUSTO, 2011; SANTOS; LAGO, 2016).

Esses dispositivos biopolíticos imprimem à sociedade contemporânea um regime de verdade cujo mecanismo de governo da vida voltado para a regulação dos ciclos de vida transforma a velhice em uma ameaça, porquanto o envelhecimento é concebido a partir de seus aspectos “negativos”. Esse fenômeno se reflete na atual produção cultural de eufemismos que dissimulam a aproximação entre envelhecimento e aviltamento dos grupos mais velhos, o que corrobora a relação tácita entre velhice e degradação, bem como influencia na subjetividade daquele que envelhece, uma vez que ele deixa de ser sujeito e se torna assujeitado (TÓTORA, 2008; SILVA; BOEMER, 2009; VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014, 2016; ROSA, 2016; SANTOS; LAGO, 2016).

Por outro lado, o envelhecimento populacional também traz uma certa inclusão social, isto é, uma visibilidade dos grupos mais velhos que vem contribuindo para redesenhar a participação desses indivíduos nos cenários urbanos e influenciando na elaboração de políticas sociais, bem como na produção de novas tecnologias, produtos e serviços. De certo modo, esse aumento da inclusão social do idoso pode ser percebido através da profusão de nomenclaturas criadas nos dias de hoje para denominar a população envelhecida tais como: “terceira idade”, “melhor idade”, “futuridade”, entre outras, que pululam nos diversos meios de comunicação (ROZENDO; JUSTO, 2011; VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014; SANTOS; LAGO, 2016).

Contudo, os equipamentos sociais vigentes falham ao promover a inclusão social dos grupos mais velhos, uma vez que não consideram o fato de que a socialização daqueles que envelhecem compreende não só a criação de dispositivos que reproduzam o discurso hegemônico, mas também de dispositivos alternativos capazes de valorizar os mais velhos ao incorporar, por exemplo, suas memórias, biografias e histórias (VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014, 2016).

Em nossa opinião, a produção de espaços de reconhecimento das histórias e vida dos grupos mais velhos na sociedade proporcionaria que os indivíduos criassem identidades originais de si mesmo e do que é ser velho. Este movimento poderia contribuir para a construção de formas de resistência ao discurso hegemônico e comumente depreciativo sobre o envelhecer e a velhice.

VELHICE, TERCEIRA IDADE E INSERÇÃO SOCIAL DO IDOSO

Quando se fala em inserção social dos grupos mais velhos é importante levar em conta a tendência do pensamento atual de aproximar as diferentes faixas etárias ao horizonte da juventude. No âmbito dessa tendência, o termo “juventude”, que foi inicialmente pensado para indicar um determinado período de vida, passou a ser utilizado aos modos de uma ética, isto é, como um estilo de se conduzir a vida. Assim, a “ética da juventude” surge no contexto contemporâneo, como uma estratégia empregada pelo sujeito de hoje para se relacionar consigo mesmo e com uma sociedade que tem os valores juvenis como referência. Assim também a velhice, influenciada por essa “nova ética”, emerge como positividade a ganhar mais espaço no discurso de especialistas e da sociedade sob a alcunha de “terceira idade” e suas amplificações (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008; TÓTORA, 2008; ROZENDO; JUSTO, 2011; ABOIM, 2014; CORREA, 2016; SANTOS; LAGO, 2016; VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014, 2016).

Todavia, apesar da positividade caracteristicamente implícita na ideia de terceira idade, a experiência de envelhecer no modelo societário contemporâneo baseado na ética da juventude goza de um baixo reconhecimento simbólico (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008; ROZENDO; JUSTO, 2011; CORREA; HASHIMOTO, 2012; LIMA; RIVEMALES, 2013; CORREA, 2016; SANTOS; LAGO, 2016; VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014, 2016). Tal fato pode ser corroborado tanto pelo idadismo como pelo fenômeno atual da *adultescência*, isto é, da propensão de grupos mais velhos em se identificar e adotar estilos de vida de gerações mais novas, mormente dos jovens e adolescentes (VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014, 2016).

Pode-se inferir daí que fenômenos sociais, tais como a terceira idade e a *adultescência* apresentam uma articulação interna e um alinhamento ideológico com a ética da juventude. Com efeito, ambos os fenômenos sofrem uma forte influência do atual processo de urbanização e da cultura contemporânea que, por sua vez, interferem de modo importante

na vida cotidiana. Por essa perspectiva, é possível entender como aqueles valores negativos ligados ao idadismo, isto é, à face marginalizada, pejorativa e estigmatizante do envelhecimento continuaram associados à antiga noção de “velhice”, enquanto o termo “terceira idade” passou a ser vinculado àqueles aspectos da vida considerados positivos pela sociedade e que se harmonizam com os valores juvenis (ROZENDO; JUSTO, 2011; CORREA, 2016; SANTOS; LAGO, 2016).

Sob este ponto de vista, é possível compreender que a velhice, identificada como terceira idade, tem formas de sociabilidade diferenciadas da velhice propriamente dita. De fato, os dispositivos sociais representados pelos grupos de convivência e as universidades abertas da terceira idade foram originalmente desenvolvidos para os idosos de classes econômica e socialmente mais favorecidas, ao passo que os idosos pertencentes às classes sociais menos privilegiadas continuaram tendendo a serem considerados apenas “velhos”, além de frequentemente não disporem de investimento semelhante, de sorte que sua inserção social tende a se resumir quase sempre ao espaço doméstico ou a instituições de longa permanência (CORREA, 2016).

Ademais, como já frisado, a concepção biopolítica vigente identifica o sujeito com um corpo-produto. Contudo, esse mesmo corpo não é só um produto e nem exatamente o que somos, mas aquilo que nos escapa; ou seja, nosso corpo é igualmente o que não nos pertence na medida que é também algo eminentemente comum. É, sobretudo, na ambivalência desse corpo individual, que é ao mesmo tempo social, que nos tornamos sujeitos velhos (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008; TÓTORA, 2008; LIMA; RIVEMALES, 2013; ESPOSITO, 2016; SANTOS; LAGO, 2016).

Em outras palavras, essa justaposição entre os domínios pessoal e social da experiência se dá no horizonte do espaço e do tempo vividos, categorias fundamentais para a produção do sujeito. Isto significa dizer que a duração dos eventos e a qualidade do espaço em que eles ocorrem são aspectos da experiência humana que influenciam fortemente na subjetividade. Com efeito, é possível dizer que o sujeito existe socialmente quando ganha visibilidade no espaço social, isto é, quando goza de um lugar no qual sua identidade é legitimada e seu tempo vivido é tempo de relacionamento. Por outro lado, aquele sujeito que não tem a mesma sorte se torna habitante de um “não lugar”, ou melhor, de um espaço caracterizado pelo anonimato, pelo distanciamento, pela velocidade dos vínculos e pela impessoalidade dos relacionamentos. Esta falta de pertencimento pode ser facilmente reconhecida por qualquer um de nós naquelas experiências vividas nas ruas, *shoppings* e transportes públicos. Nesses espaços e tempos em que nos encontramos sozinhos na multidão, vivendo experiências cotidianas que nos levam a reconhecer que a vida hodierna é uma fonte prolífica de invisibilidade e de “não lugares” (ROZENDO; JUSTO, 2011).

É sob esse aspecto que Santos e Lago (2016) afirmam a tendência contemporânea para a inserção social dos velhos aos modos de uma “reprivatização do envelhecimento”.

Em outros termos, os autores ressaltam que a atual normalização das subjetividades individuais é uma estratégia que desloca a velhice para um problema de âmbito particular na medida que as políticas públicas são propensas a implicar cada cidadão na gestão de seu próprio envelhecimento. Nesse movimento, os mais velhos tendem a ser gradativamente alijados dos espaços sociais, ao passo que sua vida se transforma cada vez mais em uma questão exclusiva do domínio privado e de nichos mercadológicos.

Por conseguinte, é importante uma discussão mais séria e aprofundada sobre a inserção social do idoso, que precisa passar ao largo da valorização dos grupos mais velhos, enquanto categoria tal como “terceira idade” e suas derivações eufemísticas fortemente alinhadas a uma ética da juventude. Por outro lado, essa discussão deve, necessariamente, convergir para a construção de espaços promotores de saúde por meio de políticas públicas que busquem construir, reconhecer e estimular a participação social dos idosos, investindo na sua visibilidade para além daqueles lugares reservados a consumidores. Para tanto, há que se pensar em estratégias que resgatem a presença simbólica dos mais velhos na vida em sociedade, bem como fomentar neles um sentimento de pertencimento. Neste sentido, o lugar do idoso, como guardião das memórias de um coletivo, é um fator promotor de saúde, porquanto expedientes assim promovem seu reconhecimento, apreciação e integração à sociedade. Além disso, a inclusão da velhice e da finitude no espaço de discussão contribuem para a valorização daqueles que envelhecem, posto que se reconhece sua proximidade simbólica à história de seu grupo social e aos ancestrais (TÓTORA, 2008; SILVA; BOEMER, 2009; LIMA; RIVEMALES, 2013; VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014, 2016; BERGER, 2019).

Efetivamente os inúmeros exemplos oriundos das sociedades ditas tradicionais apontam para o fato de que o suporte social obtido por uma rede de apoio efetiva impacta positivamente na qualidade de vida dos mais velhos. Em vista disso, ter um espaço de reconhecimento e afirmação dentro da sociedade em que se vive pode ter efeitos benéficos sobre a experiência de envelhecer, assim como propicia a construção de formas de resistência à ética da juventude, particularmente, por meio do resgate da dimensão do tempo vivido ou do tempo próprio.

ENVELHECIMENTO E TEMPO PRÓPRIO

Na tensão dialética entre o envelhecimento individual e a juventude como imperativo coletivo, o tempo se tornou um elemento fundamental. Vimos brevemente que a biopolítica, por meio de seus dispositivos, voltou-se para a regulação da vida de cada um e de todos de modo que o “tempo próprio”, isto é, o tempo vivido como “presença no mundo”, foi subsumido ao domínio da generalidade do tempo cronometrado pelos relógios e agendas. Nessa dinâmica, a divisão cronológica da vida passou a reger os compromissos que organizam a sociedade e que tornam possível a gestão das populações. Tal fenômeno, característica da vida contemporânea, está diretamente implicado no empobrecimento da

experiência cotidiana de viver (TÓTORA, 2008; CORREA; HASHIMOTO, 2012; SANTOS; LAGO, 2016; VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014, 2016).

De fato, para o estilo de vida atual, o tempo perdido é aquele que não é despendido em consumo de produtos e de tecnologias ou no cumprimento de metas e de objetivos ou ainda no alcance de determinados índices, resultados, felicidade ou sucesso. Neste ponto, vale ressaltar o caráter heterônomo ou exterior de todos esses marcadores uma vez que são sempre assinalados por terceiros. Assim, na ânsia de consumir, produzir, atingir uma meta ou gerar algum tipo de bem ou lucro, o sujeito de hoje tende a adaptar suas atividades à velocidade das mudanças, à profusão de estímulos e à organização do tempo, o que promove a perda gradativa do poder de simbolização e a conversão de suas ações em simples fazer. Em outras palavras, isso significa que a adoção do uso do tempo alinhada à ética da juventude vem transformando a atual experiência de viver em mera execução de tarefas, enquanto o tempo próprio tende a ser soçobrado por uma existência subordinada à mera imagem e função (CORREA; HASHIMOTO, 2012; VILHENA NOVAES; ROSA, 2014, 2016).

O que se quer dizer é que a vida do indivíduo, no mundo de hoje, passou a ser regida, quase que integralmente, por princípios pragmáticos, utilitários e instrumentais, visto que a concepção contemporânea do tempo vivido, como preenchimento de uma agenda de compromissos, esvazia a experiência do viver e retira a possibilidade de se conhecer e valorizar uma outra forma de experimentar a vida. Neste ponto, vale acrescentar que, ao contrário do que se vive atualmente, é sabido que a capacidade do sujeito de construir significados está atrelada aos seus momentos de ociosidade e de reflexão que expandem seu olhar para além daquilo que é imediatamente útil e pragmático (VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014, 2016).

No caso dos grupos mais velhos, esses momentos ociosos ou “inúteis” podem acontecer quando há oferta de espaços nos quais os idosos se sintam pertencentes e, de certa forma, “protegidos” da influência massificante da cultura, principalmente, através da valorização de sua biografia e do próprio envelhecimento. Em parte, porque as histórias e memórias dos mais velhos são capazes de evocar emoções quando são contadas, o que pode promover uma dinâmica psíquica de reconciliação entre os conteúdos do passado e do presente, isto é, de reajustamento simbólico e de ressignificação do *tempo próprio*, o que pode fomentar uma maior integração do sujeito com o seu grupo, bem como promover sua abertura à velhice e à possibilidade de um tempo de vida futuro (ABRAHÃO, 2008). É também sob este ponto de vista que Berger (2019) enfatiza a necessidade de que o sujeito tenha um espaço promotor de saúde onde se sinta seguro e legitimado, para que possa lidar com suas dificuldades e limitações a fim de que consiga construir condições de possibilidade para reinventar sua vida. Neste sentido, é possível afirmar que a valorização do tempo próprio promove uma espécie de encantamento do mundo (VILHENA; NOVAES; ROSA, 2016).

Todavia, o encantamento de um mundo que se mostra continuamente também inclui a integração da finitude. É sob esse aspecto que nos juntamos à Vilhena *et al.* (2014; 2016) quando afirmam que a mudança na tendência homogeneizante das subjetividades contemporâneas de lidar com a velhice e com a vida passa necessariamente por uma transformação da nossa relação com o envelhecimento e com a dimensão da finitude, do sofrimento e da morte enquanto facticidade.

VELHICE E AMOR FATI: O ENVELHECIMENTO COMO CONTRACULTURA

Como vimos acima, pode-se dizer que o envelhecimento e a velhice se encontram na contracorrente da cultura contemporânea uma vez que a pessoa que envelhece tende a perder seu valor social à medida que vai sendo posta à margem da cadeia de consumo. Com efeito, no contexto da ética da juventude fundamentalmente narcisista que prioriza a função sensorial do olhar, é fácil compreender que o idoso tende a ser alocado no horizonte do pudor e da invisibilidade de modo que a experiência de envelhecer também passe a envolver uma crescente percepção de desaparecimento de si atravessada por um sentimento de exclusão. Em termos práticos, isso significa dizer que o envelhecimento se inclina a ser vivido como um defeito a ser escondido ou reparado através da utilização de meios que tentam remediar a inexorabilidade dos efeitos do tempo e disfarçar a “obscenidade da morte” (GORER, 1955).

Assim, sob a pressão de ocultar a própria velhice, o sujeito de hoje vê sua possibilidade de vivências significativas ser reduzida àquelas ditadas por um contexto sociocultural que, ao contrário, não o aceita. Ao fim e ao cabo, o mundo contemporâneo que é generoso em saberes e fazeres capazes de prolongar a vida do indivíduo, não tem a mesma habilidade para reconhecer a velhice como valor. Destarte, é como se o sujeito de hoje tivesse os meios de viver por mais tempo em uma sociedade que, paradoxalmente, não é capaz de enxergá-lo ou valorizá-lo (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008; SANTOS; LAGO, 2016).

Sob essa perspectiva, passa a ser importante compreender a diferença entre o que é juvenildade e o que é jovialidade, dois termos frequentemente confundidos no horizonte da ética da juventude. Por “juvenildade”, entende-se o caráter material ou biológico de um corpo que pertence ao domínio orgânico da existência, enquanto a “jovialidade” se remete ao domínio psíquico do sujeito, isto é, tem caráter subjetivo, simbólico e existencial. Percebe-se então que ambos os termos indicam valores diferentes e não devem ser misturados, visto que a juvenildade é uma característica que se alinha à ética da juventude e tem o poder de reforçar o idadismo e a adultescência, enquanto que a jovialidade é mais um posicionamento existencial do sujeito em face da vida e se confunde com a “alegria” (VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014) ou mais apropriadamente com o *amor fati* nietzschiano (FERRARA, 2017).

Logo, é necessário entender que a distinção entre juvenildade e jovialidade transcende a simples análise lexical, porquanto a última pode servir como ferramenta de resistência à cultura contemporânea. Em outros termos, a juvenildade, enquanto característica cultural, reforça a ética da juventude ao se inscrever preferencialmente no plano biológico de onde lança suas bases para o agenciamento das subjetividades, restringindo as possibilidades do sujeito de viver em uma sociedade na qual ele não é valorizado. Por outro lado, a jovialidade como posicionamento existencial aponta para uma abertura do sujeito diante de sua própria vida, ou seja, para outra ética que prioriza a capacidade de se viver de modo mais realista, isto é, de aceitar o que é considerado “positivo” e não negar aquilo que é reputado como “negativo” ou “feio” e que possa significar desconforto, sofrimento e dor. É por essa perspectiva que a jovialidade é uma faceta do *amor fati* na medida em que significa uma abertura para a inclusão simbólica da morte no tempo de vida, isto é, para um estilo de vida que recusa a passividade do indivíduo diante da realidade e afirma um sujeito que pode se rejubilar pela gratuidade da vida e afirmá-la (FERRARA, 2017).

Este é o posicionamento existencial de um sujeito “saudável” uma vez que a saúde, compreendida para além da dimensão biológica e da normalização dos parâmetros fisiológicos, aponta para uma abertura ao futuro (TÓTORA, 2008; SILVA; BOEMER, 2009; VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014; FERRARA, 2017). Em suma, o caráter jovial compreendido no âmbito do *amor fati* se revela como uma importante forma de resistência à ética da juventude para o sujeito que envelhece no mundo de hoje. Assim, fica a questão de como pensar o envelhecimento, como um modo de vida onde subjetividades singulares e insubordinadas ao modelo hegemônico possam ser construídas, ou melhor, como a vida daqueles que envelhecem pode ser diferente da vida que se vive atualmente, ou seja, uma experiência de vida intrinsecamente jovial e não necessariamente juvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode ser visto até aqui, não se pode definir a velhice na medida que o envelhecimento é um fenômeno multidimensional e heterogêneo, o que impede qualquer tentativa de construir um discurso generalizante. De fato, o envelhecimento é um fenômeno inscrito na materialidade do corpo, mas comporta também uma experiência subjetiva que é construída a partir dos múltiplos discursos produzidos pelo regime de verdade da sociedade ao qual o sujeito que envelhece está inserido. Em outros termos, o sujeito envelhece no âmbito de agenciamentos discursivos, que nos dias de hoje produzem realidades concretas, que se refletem em estigmatização, abandono e exclusão dos grupos mais velhos, sobretudo, daqueles menos favorecidos (SANTOS; LAGO, 2016).

Neste sentido, pode-se dizer que a subjetividade está estreitamente ligada ao social. Entretanto, esse social é o lugar onde o idoso é submetido a um poder biopolítico

construído sob a oposição entre o que é normal e o que é patológico e onde uma ética da juventude hegemônica faz com que a velhice deixe de ser inerente ao envelhecimento para se tornar um desvio, uma falha ou uma patologia (TÓTORA, 2008; SANTOS; LAGO, 2016).

Por conseguinte, torna-se fundamental problematizar o envelhecimento contemporâneo, no sentido de se pensar e construir “velhices possíveis” que sobrepujam ou resistam à normalização vigente, particularmente a partir de políticas públicas que invistam na efetiva inserção social dos longevos ao promover a valorização de sua biografia, suas memórias e histórias, bem como do *tempo próprio*, o que potencializa a velhice e funciona como ferramenta de enfrentamento da homogeneização e da massificação das subjetividades. Isto porque a produção de vivências singulares de envelhecimento que extrapolem a vontade de controle do modelo biopolítico atual de gestão da vida leva em consideração a reflexão que os sujeitos podem fazer sobre suas próprias vidas e sobre as forças históricas, sociais e políticas que as influenciam e que estão envolvidas na marginalização e exclusão dos mais velhos.

Para tanto, é necessário que aqueles que se debruçam sobre o horizonte do envelhecimento nos dias de hoje levem em consideração a vivência de quem envelhece, isto é, sua subjetividade, “seu lugar de fala” e “sua verdade”. Isso porque aquilo que entendemos e sentimos como verdadeiro é dependente também do que criamos ou sentimos e assim, a única verdade que sustentamos é necessariamente dinâmica (VILHENA; NOVAES; ROSA, 2016).

Por fim, em nossa compreensão, a valorização dessa verdade narrativa e continuamente redesenhada que contamos a nós mesmos e que repetimos uns aos outros é o caminho por onde se pode pensar a valorização da velhice na contemporaneidade. Em outros termos, o envelhecimento e a velhice resgatarão seu valor social quando os dispositivos sociais desenvolvidos para os grupos mais velhos forem também capazes de ultrapassar os valores culturais juvenis vigentes, não negar sua finitude e alcançar o caráter essencialmente jovial da vida.

REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 207-232, jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100013&lng=e n&nrm=iso. Acesso 9 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100013>.

ABRAHAO, Emily de Souza. O desvelar da velhice: as contribuições da psicanálise na busca de sentidos para a experiência do envelhecer. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, p. 45-51, jun. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702008000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso 14 fev. 2022.

BERGER, Rebeca Léa. O destino do corpo. Nosso envelhecimento de cada dia... “dia após dia”. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 41, n. 67-68, p. 203-212, dez. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>.

org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062019000100018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 set. 2020.

CORREA, Mariele Rodrigues; HASHIMOTO, Francisco. Finitude, Envelhecimento e Subjetividade. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, 2012, v. 15, n. 4, p. 85-99. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17038>. Acesso em: 25 set. 2020.

CORREA, Mariele Rodrigues. Envelhecer na cidade. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 16, n. 184, p. 35-46, 3 set. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/32813>. Acesso em: 5 out. 2020.

ESPOSITO, Roberto. Potência do corpo. In: _____. **As pessoas e as coisas**. 1ª ed. São Paulo, Rafael Zamperetti Copetti Editor Ltda, 2016. p. 91-99.

FERRARA, Ricardo Czepurnyj. Uma fisionomia do amor fati de Nietzsche. **Revista Acadêmica Integração**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 185-208, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.fics.edu.br/index.php/integraacao/article/view/532/581>. Acesso em: 2 out. 2020.

FREITAS, Maria Célia de *et al.* Perspectivas das pesquisas em gerontologia e geriatria: revisão da literatura. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 2, p. 221-228, abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692002000200015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692002000200015>.

GORER, Geoffrey. The pornography of death. In: **Encounter October** 1955, p. 49-52. Disponível em: <https://www.romolocapitano.com/wp-content/uploads/2013/08/Gorer.pdf>. Acesso em: 5 out. 2020.

LIMA, Claudia Feio de Maia; RIVEMALES, Maria da Conceição Costa. Corpo e envelhecimento: uma reflexão – artigo de revisão. **Estudos Interdisciplinares envelhecimento**, 2013, v.18, n.1, p. 153-166. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/22236/26997>. Acesso em: 24 set. 2020.

MOREIRA, Virgínia; NOGUEIRA, Fernanda Nícia Nunes. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 59-79, mar. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000100009>.

ROZENDO, Adriano da Silva; JUSTO, José Sterza. Velhice e Terceira Idade: tempo, espaço e subjetividade. **Revista Kairós**, v. 14, n. 2, p. 143-159, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/8212/0>. Acesso em: 12 set. 2020.

SANTOS, Daniel Kerry dos; LAGO, Mara Coelho de Souza. O dispositivo da idade, a produção da velhice e regimes de subjetivação: rastreamentos genealógicos. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 133-144, abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642016000100133&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-65642016000100133>.

SILVA, Maria da Graça da; BOEMER, Magali Roseira. Vivendo o envelhecer: uma perspectiva fenomenológica. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 3, p. 380-386, jun. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692009000300016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692009000300016>.

SOUSA, Ana Carla Santos Nogueira *et al.* Alguns apontamentos sobre o idadismo: A posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre,

v. 19, n. 3, p. 853-877, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/50435>. Acesso em: 2 out. 2020.


TÓTORA, Silvana. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. **Revista Kairós**, v. 11, n. 1, p. 21-38, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2509>. Acesso em: 2 out. 2020.

VILHENA, Junia de; NOVAES, Joana de Vilhena; ROSA, Carlos Mendes. A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 251-264, jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142014000200251 &lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0381v17n2a08>.


VILHENA, Junia; NOVAES, Joana de Vilhena.; ROSA, Carlos Mendes. Tempos de envelhecer: corpo, memória e transitoriedade In: Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico. 1ª ed. Curitiba: **Appris**, v. 1, p. 147-164, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304415318_Tempos_de_envelhecer_corpo_memoria_e_transitoriedade. Acesso em: 17 set. 2020.


PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA FIOCRUZ:

Uma Experiência Inovadora em Saúde do Trabalhador

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA FIOCRUZ:

Uma Experiência Inovadora em Saúde do Trabalhador

www.atenaeeditora.com.br 

contato@atenaeeditora.com.br 

[@atenaeeditora](https://www.instagram.com/atenaeeditora) 

www.facebook.com/atenaeeditora.com.br 